

Fernando Pessoa



POEMAS  
OCULTISTAS

Claudio Martins

Coleção de Autores Modernos  
da  
LITERATURA LUSO-BRASILEIRA

(POESIA)

POETAS DE SEMPRE

1. LUZ MEDITERRÂNEA — Raul de Leoni
2. EU E OUTRAS POESIAS — Augusto dos Anjos
3. POEMAS OCULTISTAS — Fernando Pessoa

POEMAS  
OCULTISTAS

Coleção de Autores Modernos  
da  
LITERATURA LUSO-BRASILEIRA  
  
(POESIA)

**3.**

Capa  
CLÁUDIO MARTINS



**LIVRARIA GARNIER**

BELO HORIZONTE

Rua São Geraldo, 53 — Floresta — Cep. 30150-070

Tel.: 3212-4600 — Fax: 3224-5151

FERNANDO PESSOA

POEMAS  
OCULTISTAS



LIVRARIA GARNIER

2004

Direitos de Propriedade Literária adquiridos pela  
LIVRARIA GARNIER  
Belo Horizonte

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

## TÁBUA DOS POEMAS

|                                             |    |
|---------------------------------------------|----|
| <i>Iniciação</i>                            | 11 |
| <i>Natal</i>                                | 12 |
| <i>Eros e Psique</i>                        | 13 |
| <i>Abismo</i>                               | 16 |
| <i>Passos da Cruz</i>                       | 17 |
| <i>Sonetos, VI, X, XI, XIII, XIV</i>        | 18 |
| <i>Meu pensamento</i>                       | 23 |
| <i>Em Mim</i>                               | 25 |
| <i>Monólogo da Noite</i>                    | 30 |
| <i>Monólogo das Trevas</i>                  | 31 |
| <i>Gládio</i>                               | 33 |
| <i>Ode (Ricardo Reis)</i>                   | 36 |
| <i>"Meditação Fáustica"</i>                 | 37 |
| <i>No Túmulo de Christian Rosencreulz</i>   | 39 |
| <i>O Último Sortilégio</i>                  | 43 |
| <i>Gomes Leal</i>                           | 45 |
| <i>O Encoberto</i>                          | 46 |
| <i>"Sombra Amada"</i>                       | 47 |
| <i>A Morte</i>                              | 50 |
| <i>Demogorgon (Álvaro de Campos)</i>        | 51 |
| <i>Hino a Pã (Aleister Crowley)</i>         | 52 |
| <i>Súbita mão de algum fantasma oculto</i>  | 15 |
| <i>Grandes mistérios habitam</i>            | 22 |
| <i>Já estão em mim exaustas</i>             | 26 |
| <i>Não meu, não meu é quanto escrevo</i>    | 27 |
| <i>Ah, tudo é símbolo e analogia</i>        | 28 |
| <i>Do eterno erro na eterna viagem</i>      | 29 |
| <i>Ó naus felizes, que do mar vago</i>      | 32 |
| <i>Nos vastos céus estrelados</i>           | 34 |
| <i>O segredo da Busca é que não se acha</i> | 35 |
| <i>Neste Mundo em que esquecemos</i>        | 42 |





*Fernando Pessoa.*



## INICIAÇÃO

*Não dormes sob os ciprestes,  
Pois não há sono no mundo.*

*O corpo é a sombra das vestes  
Que encobrem teu ser profundo.*

*Vem a noite, que é a morte,  
E a sombra acabou sem ser.  
Vais na noite só recorte,  
Igual a ti sem querer.*

*Mas na Estalagem do Assombro  
Tiram-te os Anjos a capa.  
Segues sem capa no ombro,  
Com o pouco que te tapa.*

*Então Arcanjos da Estrada  
Despem-te e deixam-te nu.  
Não tens vestes, não tens nada:  
Tens só teu corpo, que és tu.*

*Por fim, na funda caverna,  
Os Deuses despem-te mais:  
Teu corpo cessa, alma externa,  
Mas vês que são teus iguais.*

*A sombra das tuas vestes  
Ficou entre nós na Sorte.  
Não 'stãs morto, entre ciprestes.*

*Neófito, não há morte.*

Presença, nº 35, Maio, 1932.

## NATAL

*Nasce um Deus. Outros morrem. A Verdade  
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.  
Temos agora uma outra Eternidade,  
E era sempre melhor o que passou.*

*Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.  
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.  
Um novo Deus é só uma palavra.  
Não procures nem creias: tudo é oculto.*

Contemporânea, n° 6, Dez. 1922.

## EROS E PSIQUE

... E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

*Do Ritual do grau de Mestre do Átrio  
Na Ordem templária de Portugal*

*Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.*

*A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino —  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora.*

*E, inda tonto do que houvera,  
A cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.*

Presença, n. os 41-42, Maio, 1934



*Súbita mão de algum fantasma oculto  
Entre as dobras da noite e do meu sono  
Sacode-me e eu acordo, e no abandono  
Da noite não enxergo gesto ou vulto.*

*Mas um terror antigo, que insepulto  
Trago no coração, como de um trono  
Desce e se afirma meu senhor e dono  
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.*

*E eu sinto a minha vida de repente  
Presa por uma corda de Inconsciente  
A qualquer mão noturna que me guia.*

*Sinto que sou ninguém salvo uma sombra  
De um vulto que não vejo e que me assombra,  
E em nada existo como a treva fria.*

14-3-1917

O. C., 1º v., Poesias, p. 83.



## ABISMO

*Olho o Tejo, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é ser-rio, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?*

*Sinto de repente pouco,  
Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco —  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redor —  
Fica mais que exterior.*

*Perde tudo o ser, ficar.  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, idéia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus.*

*E súbito encontro Deus.*

1913 (?)

Do ciclo "Além-Deus"  
Orpheu, 3 (inédito).

# PASSOS DA CRUZ

## Soneto VI

*Venho de longe e trago no perfil,  
Em forma nevoenta e afastada,  
O perfil de outro ser que desagrada  
Ao meu atual recorte humano e vil.*

*Outrora fui talvez, não Boabdil.  
Mas o seu mero último olhar, da estrada  
Dado ao deixado vulto de Granada,  
Recorte frio sob o unido anil...*

*Hoje sou a saudade imperial  
Do que já na distância de mim vi...  
Eu próprio sou aquilo que perdi...*

*E nesta estrada para Desigual  
Florem em esguia glória marginal  
Os girassóis do império que morri...*

Centauro, nº 1, Out. - Dez. 1916.



## PASSOS DA CRUZ

### Soneto X

*Aconteceu-me do alto do infinito  
Esta vida. Através de nevoeiros,  
Do meu próprio ermo ser fumos primeiros,  
Vim ganhando, e através estranhos ritos*

*De sombra e luz ocasional, e gritos  
Vagos ao longe, e assomos passageiros  
De saudade incógnita, luzeiros  
De divino, este ser fosco e proscrito...*

*Caiu chuva em passados que fui eu.  
Houve planícies de céu baixo e neve  
Nalguma coisa de alma do que é meu.*

*Narrei-me à sombra e não me achei sentido  
Hoje sei-me o deserto onde Deus teve  
Outrora a sua capital de olvido...*

Centauro, nº1, Out-Dez. 1916.



## PASSOS DA CRUZ

### Soneto XI

*Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela  
E oculta mão colora alguém em mim.  
Pus a alma no nexo de perdê-la  
E o meu princípio floresceu em Fim.*

*Que importa o tédio que dentro em mim gela,  
E o leve outono, e as galas, e o marfim,  
E a congruência da alma que se vela  
Com os sonhados pálios de cetim?*

*Disperso... E a hora como um leque fecha-se...  
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...  
O tédio? A mágoa? A vida? O sonho? Deixa-se...*

*E, abrindo as asas sobre Renovar,  
A erma sombra do vôo começado  
Pestaneja no campo abandonado...*

Centauro, nº1, Out.-Dez. 1916.



## PASSOS DA CRUZ

### Soneto XIII

*Emissário de um rei desconhecido,  
Eu cumpro informes instruções de além,  
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm  
Soam-me a um outro e anômalo sentido...*

*Inconscientemente me divido  
Entre mim e a missão que o meu ser tem,  
E a glória do meu Rei dá-me o desdém  
Por este humano povo entre quem lido...*

*Não sei se existe o Rei que me mandou.  
Minha missão será eu a esquecer,  
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...*

*Mas há! Eu sinto-me altas tradições  
De antes de tempo e espaço e vida e ser...  
Já viram Deus as minhas sensações...*

Centauro, nº 1, Out.-Dez., 1916.



## PASSOS DA CRUZ

### SONETO XIV

*Como uma voz de fonte que cessasse  
(E uns para os outros nossos vãos olhares  
Se admiraram), p'ra além dos meus palmares  
De sonho, a voz que do meu tédio nasce*

*Parou... Apareceu já sem disfarce  
De música longínqua, asas nos ares,  
O mistério silente como os mares,  
Quando morreu o vento e a calma pasce...*

*A paisagem longínqua só existe  
Para haver nela um silêncio em descida  
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste...*

*E, perto ou longe, grande lago mudo,  
O mundo, o informe mundo onde há a vida...  
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...*

Centauro, nº 1, Out.-Dez. 1916.



*Grandes mistérios habitam  
O limiar do meu ser,  
O limiar onde hesitam  
Grandes pássaros que fitam  
Meu transpor tardo de os ver.*

*São aves cheias de abismo,  
Como nos sonhos as há.  
Hesito se sondo e cismo,  
E à minha alma é cataclismo  
O limiar onde está.*

*Então desperto do sonho  
E sou alegre da luz,  
Inda que em dia tristonho;  
Porque o limiar é medonho  
E todo passo é uma cruz.*

2-10-1933

O. C., 1º V, Poesias, p. 191.



## MEU PENSAMENTO

*Meu pensamento é um rio subterrâneo.  
Para que terras vai e donde vem?  
Não sei... Na noite em que o meu ser o tem  
Emerge dele um ruído subitâneo*

*De origens no Mistério extraviadas  
De eu compreendê-las..., misteriosas fontes  
Habitando a distância de ermos montes  
Onde os momentos são a Deus chegados...*

*De vez em quando luze em minha mágoa,  
Como um farol num mar desconhecido,  
Um movimento de correr, perdido  
Em mim, um pálido soluço de água...*

*E eu relembro de tempos mais antigos  
Que a minha consciência da ilusão  
Águas divinas percorrendo o chão  
De verdores uníssonos e amigos,*

*E a idéia de uma Pátria anterior  
A forma consciente do meu ser  
Dói-me no que desejo, e vem bater  
Como uma onda de encontro à minha dor.*

*Escuto-o... Ao longe, no meu vago tato  
Da minha alma, perdido som incerto,  
Como um eterno rio indescoberto,  
Mais que a idéia de rio certo e abstrato...*

*E p'ra onde é que ele vai, que se extravia  
Do meu ouvi-lo? A que cavernas desce?  
Em que frios de Assombro é que arrefece?  
De que névoas soturnas se anuvia?*

*Não sei... Eu perco-o... E outra vez regressa  
A luz e a cor do mundo claro e atual,  
E na interior distância do meu Real  
Como se a alma acabasse, o rio cessa...*

1914(?)

Cartas de F. P. a A. C. - R., p. 60.



## EM MIM

*Paro à beira de mim e me debruço...  
Abismo... E nesse abismo o Universo,  
Com seu tempo e seu 'spaço, é um astro, e nesse  
Alguns há, outros universos, outras  
Formas do Ser com outros tempos, 'spaços  
E outras vidas diversas desta vida...*

*O espírito é outra estrela... O Deus pensável  
É um sol... E há mais Deuses, mais 'spíritos  
De outras essências de Realidade...*

*E eu precipito-me no abismo, e fico  
Em mim... E nunca desço... E fecho os olhos  
E sonho — e acordo para a Natureza...  
Assim eu volto a mim e à Vida...*

*Deus a si próprio não se compreende.  
Sua origem é mais divina que ele,  
E ele não tem a origem que as palavras  
Pensam fazer pensar...*

*O abstrato Ser [em sua] abstrata idéia*

*Apagou-se, e eu fiquei na noite eterna.  
Eu e o Mistério — face a face...*

6-11-1912

Primeiro Fausto,  
O. C., VI v., 1952, p. 83.

*Já estão em mim exaustas,  
Deixando-me transido de terror,  
Todas as formas de pensar [...]  
O enigma do universo. Já cheguei  
A conceber, como requinte extremo  
Da exausta inteligência, que era Deus...*

*Já cheguei a aceitar como verdade  
O que nos dão por ela, e a admitir  
Uma realidade não real  
Mas não sonhada, [como o] Deus Cristão.*

*... Falhados pensamentos e sistemas  
Que, por falharem, só mais negro fazem  
O poder horroroso que os transcende  
A todos, [sim,] a todos.  
Oh horror! Oh mistério! Oh existência!*

Primeiro Fausto.  
O. C., VI v., 1952, p. 78.



*Não meu, não meu é quanto escrevo.  
A quem o devo?  
De quem sou o arauto nado?  
Porque, enganado  
Julguei ser meu o que era meu?  
Que outro mo deu?  
Mas, seja como for, se a sorte  
For eu ser morte  
De uma outra vida que em mim vive,  
Eu, o que estive  
Em ilusão toda esta vida  
Aparecida,  
Sou grato Ao que do pó que sou  
Me levantou.  
(E me fez nuvem um momento  
De pensamento).  
(Ao de quem sou, erguido pó,  
Símbolo só.)*

9-11-1932

O. C., I v., Poesias, p. 152.



*Ah, tudo é símbolo e analogia!  
O vento que passa, a noite que esfria,  
São outra coisa que a noite e o vento —  
Sombras de vida e de pensamento.*

*Tudo o que vemos é outra coisa.  
A maré vasta, a maré ansiosa,  
E o eco da outra maré que está  
Onde é real o mundo que há.*

*Tudo o que temos é esquecimento.  
A noite fria, o passar do vento,  
São sombras de mãos, cujos gestos são  
A realidade desta ilusão.*

Primeiro Fausto.  
O. C., VI v., 1952, p. 76.



*Do eterno erro na eterna viagem,  
O mais que [exprime] na alma que ousa,  
E sempre nome, sempre linguagem,  
O véu e capa de uma outra cousa.*

*Nem que conheças de frente o Deus,  
Nem que o Eterno te dê a mão,  
Vês a verdade, rompes os véus,  
Tens mais caminho que a solidão.*

*Todos os astros, inda os que brilham  
No céu sem fundo do mundo interno,  
São só caminhos que falsos trilham  
Eternos passos do erro eterno.*

*Volta a meu seio, que não conhece  
Os deuses, porque os não vê,  
Volta a meus braços, melhor esquece.  
Que tudo só fingir que é.*

Primeiro Fausto.

O. C., VI v., 1952, p. 80.



## MONÓLOGO NA NOITE

*Sou a Consciência em ódio ao inconsciente,  
Sou um símbolo incarnado em dor e ódio,  
Pedaço de alma de possível Deus  
Arremessado para o mundo  
Com a saudade pávida da pátria...*

*Ó sistema mentido do universo,  
Estrelas nadas, sóis irreais,  
Oh, com que ódio carnal e estonteante  
Meu ser de desterrado vos odeia!  
Eu sou o inferno. Sou o Cristo negro,  
Pregado na cruz ígnea de mim mesmo.  
Sou o saber que ignora,  
Sua a insônia da dor e do pensar...*

Primeiro Fausto.  
O. C., VI v., 1952, p. 86.



## MONÓLOGO NAS TREVAS

*A qualquer modo todo escuridão  
Eu sou supremo. Sou o Cristo negro.  
O que não crê, nem ama — o que só sabe  
O mistério tornado carne —.*

*Há um orgulho atro que me diz  
Que sou Deus inconscienciando-me  
Para humano; sou mais real que o mundo.  
Por isso odeio-lhe a existência enorme,  
O seu amontoar de coisas vistas.  
Como um santo devoto  
Odeio o mundo, porque o que eu sou  
E que não sei sentir que sou, conhece-o  
Por não real e não ali.  
Por isso odeio-o —  
Seja eu o destruidor! Seja eu Deus ira!*

Primeiro Fausto  
O. C., VI v., 1952, p. 85.

*Ó naus felizes, que do mar vago  
Volveis enfim ao silêncio do porto  
Depois de tanto noturno mal —  
Meu coração é um morto lago,  
E à margem triste do lago morto  
Sonha um castelo medieval...*

*E nesse, onde sonha, castelo triste,  
Nem sabe saber a, de mãos formosas  
Sem gesto ou cor, triste castelã  
Que um porto além rumoroso existe,  
Donde as naus negras e silenciosas  
Se partem quando é no mar manhã...*

*Nem sequer sabe que há o, onde sonha,  
Castelo triste... Seu 'spírito monge  
Para nada externo é perto e real...  
E enquanto ela assim se esquece, tristonha,  
Regressam, velas no mar ao longe,  
As naus ao porto medieval...*

O. C., I v., Poesias, p. 208.



## GLÁDIO

*Do Alberto Da Cunha Dias*

*Deus-me Deus o seu gládio, porque eu faça  
A sua santa guerra.  
Sagrou-me seu em gênio e em desgraça,  
As horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.*

*Pôs-me as mãos sobre o ombros, e doirou-me  
A fronte com o olhar;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer-justiça são Seu nome  
Dentro em mim a vibrar.*

*E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face calma.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois venha, o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma!*

21-7-1913

Ataca, n° 3, 1934, p. 81.



*Nos vastos céus estrelados  
Que estão além da razão,  
Sob a regência de fados  
Que ninguém sabe o que são,  
Há sistemas infinitos,  
Sóis, centros de mundos seus,*

*E cada sol é um Deus.*

*Eternamente excluídos  
Uns dos outros, cada um  
E universo.*

Primeiro Fausto.  
O. C., VI v., 1952, p. 77.



*O segredo da Busca é que não se acha.  
Eternos mundos infinitamente,  
Uns dentro de outros, sem cessar decorrem  
Inúteis; Sóis, Deuses, Deus dos Deuses  
Neles intercalados e perdidos  
Nem a nós encontramos no infinito.  
Tudo é sempre diverso, e sempre adiante  
De [Deus] e Deuses; essa, a luz incerta  
Da suprema verdade.*

Primeiro Fausto.  
O. C., VI v., 1952, p. 79.



## ODE

*Anjos ou deuses, sempre nós tivemos,  
A visão perturbada de que acima  
De nós e compelindo-nos  
Agem outras presenças.*

*Como acima dos gados que há nos campos  
O nosso esforço, que eles não compreendem,  
Os coage e obriga  
E eles não nos percebem.*

*Nossa vontade e o nosso pensamento  
São as mãos pelas quais outros nos guiam  
Para onde eles querem  
E nós não desejamos.*

*16-10-1914*

*Ricardo Reis*

O. C., 4º V, Odes, 1945, p. 54.



## "MEDITAÇÃO FÁUSTICA"

*Ondas de aspiração [...]*  
*Sem mesmo o coração e alma atingir*  
*Do nosso sentimento; ondas de pranto,*  
*Não vos posso chorar, e em mim subis,*  
*Maré imensa, numerosa e surda,*  
*Para morrer da praia no limite*  
*Que a vida impõe ao Ser; ondas saudosas*  
*De algum mar alto aonde a praia seja*  
*Um sonho inútil, ou de alguma terra*  
*Desconhecida mais que o eterno [amor]*  
*De eterno sofrimento, e aonde formas*  
*Dos olhos de alma não imaginadas*  
*Vogam, essências [...]*  
*Esquecidas daquilo que chamamos*  
*Suspiros, lágrimas, desolação;*  
*[Ondas] nas quais não posso visionar*  
*Nem dentro em mim, em sonho, [barco] ou ilha,*  
*Nem esperança transitória, nem*  
*Ilusão nada da desilusão;*  
*Oh, ondas sem brancura nem asperezas,*

*Mas redondas, como óleos, e silentes*  
*No vosso intérmio e total rumor —*  
*Oh, ondas da alma, decai em lago*  
*Ou levantai-vos ásperas e brancas*  
*Com o sussurro ácido da esperança...*  
*Erguei em tempestades a minha alma!*

*... Não haverá,  
Além da morte e da imortalidade,  
Qualquer coisa maior? Ah, deve haver  
Além da vida e morte, ser, não ser,  
Um inominável supertranscendente,  
Eterno incógnito e incognoscível!  
Deus? Nojo. Céu, Inferno? Nojo, nojo.  
P'ra que pensar, se há de parar aqui  
O curto vôo do entendimento?  
Mais além! Pensamento, mais além!*

Primeiro Fausto.  
O. C., VI v., 1952, p. 81.



## NO TÚMULO DE CHRISTIAN ROSENCREUTZ

Não tínhamos ainda visto o cadáver do nosso Pai prudente e sábio. Por isso afastamos para um lado o atar. Então pudemos levantar uma chapa forte de metal amarelo, e ali estava um belo corpo célebre, inteiro e incorrupto..., e tinha na mão um pequeno livro em pergaminho, escrito a oiro, intitulado T., que é, depois da Bíblia, o nosso mais alto tesouro nem deve ser facilmente submetido à censura do mundo.

*fama Fraternitatis Rosas Crucis*

### I

*Quando, despertos deste sono, a vida,  
Soubermos o que somos, e o que foi  
Essa queda até Corpo, essa descida  
Até à Noite que nos a Alma obstrui,*

*Conhecemos pois toda a escondida  
Verdade do que é tudo que há ou flui?  
Não: nem na Alma livre é conhecida...  
Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui.*

*Deus é o Homem de outro Deus maior.  
Adam Supremo, também teve Queda;  
Também, como foi nosso Criador,*

*Foi criado, e a Verdade lhe morreu...  
De além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda;  
Aquém não a há no Mundo, Corpo Seu.*

## II

*Mas antes era o Verbo, aqui perdido  
Quando a Infinita Luz, já apagada,  
Do Caos, chão do Ser, foi levantada  
Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido.*

*Mas se a Alma sente a sua forma errada,  
Em si, que é Sombra, vê enfim luzido  
O Verbo deste Mundo, humano e ungido,  
Rosa Perfeita, em Deus crucificada.*

*Então, senhores do limiar dos Céus,  
Podemos ir buscar além de Deus  
O Segredo do Mestre e o Bem profundo;*

*Não só de aqui, mas já de nós, despertos,  
No sangue atual de Cristo enfim libertos  
Do a Deus que morre a geração do Mundo.*

## III

*Ah, mas aqui, onde irreais erramos,  
Dormimos o que somos, e a verdade,  
Inda que enfim em sonhos a vejamos,  
Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.*

*Sombras buscando corpos, se os achamos  
Como sentir a sua realidade?  
Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?  
Nosso toque é ausência e vacuidade.*

*Quem desta Alma fechada nos liberta?  
Sem ver, ouvimos para além da sala*

*Calmo na falsa morte a nós exposto,  
O Livro ocluso contra o peito posto,  
Nosso Pai Rósea-cruz conhece e cala.*

Antologia de Fernando Pessoa,  
1º v., Confluência, 1942, p. 80.



*Neste mundo em que esquecemos  
Somos sombras de quem somos,  
E os gestos reais que temos  
No outro em que, almas, vivemos,  
São aqui esgares e assomos.*

*Tudo é noturno e confuso  
No que entre nós aqui há.  
Projeções, fumo difuso  
Do lume que brilha ocluso  
Ao olhar que a vida dá.*

*Mas um ou outro, um momento,  
Olhando bem, pode ver  
Na sombra e seu movimento  
Qual no outro mundo é o intento  
Do gesto que o faz viver.*

*E então encontra o sentido  
Do que aqui está a esgarar,  
E volve ao seu corpo ido,  
Imaginado e entendido,  
A intuição de um olhar.*

*Sombra do corpo saudosa,  
Mentira que sente o laço  
Que a liga à maravilhosa  
Verdade que a lança, ansiosa,  
No chão do tempo e do espaço.*

9-5-1934

O. C., I v., Poesias, p. 197.

## O ÚLTIMO SORTILÉGIO

*Já repeti o antigo encantamento,  
E a grande Deusa aos olhos se negou.  
Já repeti, nas pausas do amplo vento,  
As orações cuja alma é um ser fecundo.  
Nada me o abismo deu ou o céu mostrou.  
Só o vento volta onde estou toda e só,  
E tudo dorme no confuso mundo.*

*Outrora meu condão fadava as sarças  
E a minha evocação do solo erguia  
Presenças concentradas das que esparsas  
Dormem nas formas naturais das coisas.  
Outrora a minha voz acontecia.  
Fadas e elfos, se eu chamasse, via,  
E as folhas da floresta eram lustrosas.*

*Minha varinha, com que da vontade  
Falava às existências essenciais,  
Já não conhece a minha realidade.  
Já, se o círculo traço, não há nada.  
Murmura o vento alheio extintos ais,  
E ao luar que sobe além dos matagais  
Não sou mais do que os bosques ou a estrada.*

*Já me falece o dom com que me amavam.  
Já me não torno a forma e o fim da vida  
A quantos que, buscando-os, me buscavam.  
Já, praia, o mar dos braços não me inunda.  
Nem já me vejo ao sol saudado erguida,*

*Ou, em êxtase mágico perdida,  
Ao luar, à boca da caverna funda.*

*Já as sacras potências infernais,  
Que, dormentes sem deuses nem destino,  
A substância das coisas são iguais,  
Não ouvem minha voz ou os nomes seus.  
A música partiu-se do meu hino.  
Já meu furor astral não é divino  
Nem meu corpo pensado é já um deus.*

*E as longínquas deidades do atro poço,  
Que tantas vezes, pálida, evoquei  
Com a raiva de amar em alvoroço,  
Inevocadas hoje ante mim estão.  
Como, sem que as amasse, eu as chamei,  
Agora, que não amo, as tenho, e sei  
Que meu vendido ser consumirão.*

*Tu, porém, Sol, cujo ouro me foi presa,  
Tu, Lua, cuja prata converti,  
Se já não podeis dar-me essa beleza  
Que tantas vezes tive por querer,  
Aos menos meu ser findo dividi —  
Meu ser essencial se perca em si.  
Só meu corpo sem mim fique alma e ser!*

*Converta-me a minha última magia  
Numa estátua de mim em corpo vivo!  
Morra quem sou, mas quem me fez e havia,  
Anônima presença que se beija,  
Carne do meu abstrato amor cativo,  
Seja a morte de mim em que revivo;  
E tal qual fui, não sendo nada, eu seja!*

Presença, n" 29, Dez., 1930.

## GOMES LEAL

*Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.  
Seus três anéis irreversíveis são  
A desgraça, a tristeza, a solidão.  
Oito luas fatais fitam no espaço.*

*Este, poeta, Apoio em seu regaço  
A Saturno entregou. A plúmbea mão  
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,  
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.*

*Inúteis oito luas da loucura  
Quando a cintura tríplice denota  
Solidão e desgraça e amargura!*

*Mas da noite sem fim um rastro brota,  
Vestígios de maligna formosura:  
E a lua, além de Deus, álgida e ignota.*

Cancioneiro, Maio, 1930.



## O ENCOBERTO

*Que símbolo fecundo  
Vem na aurora ansiosa?  
Na Cruz Morta do Mundo  
A Vida, que é a Rosa.*

*Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?  
Na Cruz, que é o Destino,  
A Rosa, que é o Cristo.*

*Que símbolo final  
Mostra o sol já desperto?  
Na Cruz morta e fatal  
A Rosa do Encoberto.*

21-2-1933

11-2-1934

Mensagem, 1ª ed., 1934, p. 80.



## "SOMBRA AMADA"

*Longe da fama e das espadas,  
Alheio às turbas ele dorme.  
Em torno há claustros ou arcadas?  
Só a noite enorme.*

*Porque para ele, já virado  
Para o lado onde está só Deus,  
São mais que Sombra, e que Passado  
A terra e os céus.*

*Quem ele foi sabe-o a Sorte,  
Sabe-o o Mistério e a sua lei.  
A vida fê-lo herói, e a Morte  
O sagrou Rei!*

*No oculto para o nosso olhar,  
No visível à nossa alma,  
Inda sorri com o antigo ar  
De força calma.*

*E amanhã, quando queira a Sorte,  
Quando findar a expiação,  
Ressurrecto da falsa morte,  
Ele já não.*

*Mas a ânsia nossa que encarnara,  
A alma de nós de que foi braço,  
Tornará, nova forma clara,  
Ao tempo e ao espaço.*

*Ah, tenhamos mais fé que a esp'rança!  
Mais vivo que nós somos, fita  
Do Abismo onde não há mudança  
A terra aflita.*

*E se assim é; se, desde o Assombro  
Aonde a Morte as vidas leva,  
Vê, esta pátria, escombros a escombros,  
Cair na treva;*

*Se algum poder do que tivera  
Sua alma, que não vemos, tem,  
De longe ou perto — porque espera?  
Porque não vem?*

*Em nova forma ou novo alento,  
Que alheio pulso ou alma tome,  
Regresse como um pensamento,  
Alma de um nome.*

*Regresse sem que a gente o veja,  
Regresse só que a gente o sinta —  
Impulso, luz, visão que reja,  
E a alma pressinta!*

*Que nova luz virá raiar  
Da noite em que jazemos vis?  
Ó sombra amada, vem tornar  
A ânsia feliz.*

*Quem quer que sejas, lá no abismo  
Onde a morte a vida conduz,  
Sê para nós um misticismo  
A vaga luz*

*Com que a noite erma inda vazia  
No frio alvor da antemanhã  
Sente, da espr'anca que há no dia,  
Que não é vã.*

*E amanhã, quando houver a Hora,  
Sendo Deus pago, Deus dirá  
Nova palavra redentora  
Ao mal que há,*

*E um novo verbo ocidental  
Encarnado em heroísmo e glória,  
Traga por seu broquel real  
Tua memória!*

*27-2-1920*

Fragmentos do Poema  
"A Memória do Presidente-Rei Sidônio Pais"  
Ação, nº 4, 1920.



## A MORTE

*A morte é a curva da estrada.  
Morrer é só não ser visto.  
Se escuto, eu te oiço a passada  
Existir como eu existo.*

*A terra é feita de céu.  
A mentira não tem ninho.  
Nunca ninguém se perdeu.  
Tudo é verdade e caminho.*

23-5-1932

O. C., I, V, Poesias, p. 144.



## DEMOGORGON

*Na rua cheia de sol vago há casas paradas e gente que anda.  
Uma tristeza cheia de pavor esfria-me.  
Pressinto um acontecimento do lado de lá das frontarias  
e dos movimentos.*

*Não, não, isso não!  
Tudo menos saber o que é o Mistério!  
Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas,  
Não vos ergais nunca!  
O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se!*

*Deixai-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber nada!  
A razão de haver ser, a razão de haver seres, de haver tudo,  
Deve trazer uma loucura maior que os espaços  
Entre as almas e entre as estrelas.*

*Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta gente;  
Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente...  
Que abafos horríveis e frios me toca em olhos fechados?  
Não os quero abrir de viver! Ó Verdade, esquece-te de mim!*

*Álvaro de Campos*

O. C., II v., p. 262.



## HINO A PA

*De Mestre Therion  
(Aleister Crowley)*

*Vibra do cio sutil da luz,  
Meu homem e afã!  
Vem turbulento da noite a flux  
De Pã! Iô Pã!  
Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além  
Vem da Sicília e da Arcádia vem!  
Vem com Baco, com fauno e fera  
E ninfa e sátiro à tua beira,  
Num asno lácteo, do mar sem fim,  
A mim, a mim!  
Vem com Apoio, nupcial na brisa  
(Pegureira e pitonisa),  
Vem com Artêmis, leve e estranha,  
E a coxa branca, Deus lindo, banha  
Ao luar do bosque, em marmóreo monte,  
Manhã malhada da âmbrea fonte!  
Mergulha o roxo da prece ardente  
No ádito rubro, no laço quente,  
A alma que aterra em olhos de azul  
O ver errar teu capricho exul  
No bosque enredo, nos nós que espalma  
A árvore viva que é espírito e alma*

*E corpo e mente — do mar sem fim  
(La Pã! Iô Pã!),  
Diabo ou deus, vem a mim, a mim!*

*Meu homem e afã!*  
*Vem com trombeta estridente e fina*  
*Pela colina!*  
*Vem com tambor a rufar à beira*  
*Da primavera!*  
*Com frautas e avenas vem sem conto!*  
*Não estou eu pronto?*  
*Eu, que espero e me esforço e luto*  
*Com ar sem ramos onde não nutro*  
*Meu corpo, lasso do abraço em vão,*  
*Aspire aguda, forte leão —*  
*Vem, está vazia*  
*Minha carne, fria*  
*Do cio sozinho da demonia.*  
*A espada corta o que ata e dói,*  
*O' Tudo-Cria, Tudo-Destrói!*  
*Dá-me o sinal do Olho Aberto,*  
*E de coxa áspera o toque ereto,*  
*E a palavra do Louco e do Secreto,*  
*O ' Pã! Ió Pã!*  
*Ió Pã! Ió Pã Pã! Pã Pã! Pã!*  
*Sou homem e afã:*  
*Faze o teu querer sem vontade vã,*

*Deus grande! Meu Pã!*  
*Ió Pã! Ió Pã! Despertei na dobra*  
*Do aperto da cobra.*  
*A águia rasga com garra e fauce;*  
*Os deuses vão-se;*  
*As feras vêm. Ió Pã! A matado,*  
*Vou no corno levado*  
*Do Unicornado.*  
*Sou Pã! Ió Pã! Ió Pã Pã! Pã!*  
*Sou teu, teu homem e teu afã,*  
*Cabra das tuas, ouro, deus, clara*

*Carne em teu osso, flor na tua vara.  
Com patas de aço os rochedos roço  
De solstício severo a equinócio.  
E raivo, e rasgo, e roussando fremo,  
Sempiterno, mundo sem termo,  
Homem, homúnculo, ménade, afã,  
Na força de Pã.*

***Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã! Iô Pã!***

*Tradução  
De Fernando Pessoa*

Presença, v., nº.33, 1931.

Poesia por Fernando Pessoa atribuída a Aleister Crowley e por ele traduzida e publicada no intuito de mostrar o que era um verdadeiro "poema mágico".



*Poucos escritores nacionais revelaram desde seus primeiros ensaios literários preocupação e angústia tão fundas perante o Mistério do Além, perante o problema do Destino, a causa suprema da Vida, princípio e fim do Universo, como Fernando Pessoa. §. Afastado das religiões aceites, procurou os caminhos vedados aos profanos em demanda da Verdadeira Luz e por isso o vemos interessado na Astrologia, nas artes da Magia, cultivando a um tempo as Ciências Ocultas, o Espiritismo e a própria Teosofia. Nenhuma das chaves de que o homem se apoderou para penetrar o Mistério lhe escapou. Aprofundou a Gnose. Conheceu os livros proféticos. Iniciou-se nos segredos da Kabala e da Maçonaria Iniciática. Seu pensamento profundamente imbuído da simbologia e dos conceitos fundamentais do Ocultismo encontra na poesia um meio de expressão a tal ponto fiel que mesmo naqueles dos seus poemas em que outra inspiração o move o Poeta usa duma linguagem oclusa, ora intencionalmente nua de adornos, ora entrecortada de profundidades abissais. §. Pessoa fica assim situado na Poesia moderna como um dos mais altos representantes dum gênero de poesia que propriamente em Portugal teve início em Gomes Leal, que, primeiro que ninguém, abriu com o seu sagrado instinto de Poeta, a mágica porta do Mistério e da comunhão cósmica com os Mundos Invisíveis". §. Não é o misterioso que aparece em Põe, não é o sombrio que avulta em Lecomte, não é*

\*. Um dia que se estude com largueza esta corrente de inadaptados e visionários, outros Poetas, sem mesmo falar de Antero, como Narcizo de Lacerda e Guilherme Santa Rita, o prodigioso artista do *Poema dum Morto*, verão com justiça ressurretos seus carmes de Inspirados.

*o satânico que se torna audível com Baudelaire, não é o sobrenatural que se surpreende em Hoffmann, é algo de novo que vai procurar aos mistérios profundos da Vida e às vozes ignoradas que erram no Invisível os segredos da Existência e o caminho da Suprema Verdade, da fonte da Luz Eterna. §. Os tempos correram; transita a geração que Hartmann dominou com a sua filosofia do inconsciente, e o pensamento poético penetra em círculos cada vez mais inatingíveis à cultura profana. §. Vencendo a tendência lírica que domina o estro nacional, a canção eterna do amor e da ternura, demasiado comunicativa e sensual para o seu espírito fechado e ultra intelectualista, Pessoa traz, como se disse, à Literatura Portuguesa a voz profunda do Oculto. E essa voz, através das suas manifestações mais expressivas, que aqui se procura condensar, de guisa a dar aos adeptos deste gênero de poesia oportunidade de encontrar reunidos poemas que através da dispersão da sua obra poética perdem muito do seu significado, até mesmo porque nem todos eles estão coligidos nas edição oficial dos seus versos. Não quer isto dizer que seja completa a coletânea. Sabemos que não é, pois poemas tão significativos como *Lúcifer*, por exemplo, ainda permanecem no limbo, e sabe-se lá até quando? Petrus.*



Este livro POEMAS OCULTISTAS de Fernando Pessoa é o volume de número 3 da Coleção de Autores Modernos da Literatura Luso-Brasileira. Impresso na Editora Gráfica Líthera Maciel Ltda, a Rua Simão Antônio, 157, Contagem, para Livraria Garnier, a Rua São Geraldo, 53 - Belo Horizonte - MG. No Catálogo geral leva o número 3096/6B. ISBN 85-7175-096-3.

## POEMAS OCULTISTAS

*"Tenho pensamentos que, se  
pudesse revelá-los e fazê-los viver,  
acrescentariam nova luminosidade  
às estrelas, nova beleza ao mundo e  
maior amor ao coração  
dos homens."*

*Fernando Pessoa*

Fernando Pessoa, nascido em Lisboa no dia 13 de junho de 1888, falecido em 1935.

A última frase de Fernando Pessoa escrita no dia de sua morte: "Eu não sei o que o amanhã trará".

O amanhã trouxe para Fernando Pessoa uma admiração crescente. Suas obras foram aos poucos sendo editadas e ele é hoje considerado, ao lado de Camões, um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos. Nenhum poeta, em língua portuguesa, obteve tanto prestígio em todo o mundo.

Morreu quase completamente ignorado pelo grande público, pouco compreendido à época pelo leitor comum por ter renunciado à proposta naturalista-amorosa que orientava a poética de então.

Seu pensamento profundamente imbuído da simbologia e dos conceitos fundamentais do Ocultismo encontra na poesia um meio de expressão a tal ponto fiel que mesmo naqueles dos seus poemas em que outra inspiração o move o Poeta usa de uma linguagem oclusa, ora intencionalmente nua de adornos, ora entrecortada de profundidades abissais.

Vencendo a tendência lírica que domina a poesia nacional, a canção eterna do amor e da ternura, demasiado comunicativa e sensual para o seu espírito fechado e ultra-intelectualista. Pessoa traz, como se disse, à Literatura Portuguesa a voz profunda do Oculto.

É essa voz, através de suas manifestações mais expressivas, que aqui se procura condensar, de modo a dar aos adeptos deste gênero de poesia oportunidade de encontrar reunidos, poemas que através da dispersão de sua obra poética perdem muito do seu significado.

POEMAS OCULTISTAS  
ISBN 85-7175-096-3



**GARNIER**

MAIS DE 150 ANOS DE TRADIÇÃO  
A PRIMEIRA CASA DE LIVROS DO BRASIL  
FUNDADA EM 1843